

UM ESTUDO SOBRE OS DISCURSOS REPORTADOS DIRETOS DO BIG BROTHER BRASIL 1: AS CONDIÇÕES DE VERDADE E A TIPOLOGIA DOS ATOS DE FALA.

Débora Marques
Priscila Júlio Guedes Pinto

Resumo: Neste artigo, analisamos as condições de verdade ligadas ao discurso reportado verificado nos dados do Big Brother Brasil 1, visto que, o locutor, através do discurso reportado, modifica a fala do outro como uma estratégia argumentativa, reconceptualizando como verdade aquilo que é narrado e fazendo com que o interlocutor ‘assuma’ como verdade o discurso apresentado. Para tanto, valemo-nos do arcabouço teórico da Pragmática e da Semântica.

Palavras-chave: Discurso reportado; Big Brother Brasil; Verdade.

Abstract: *In this article, we analyze the conditions of truth related to the reported speech in the datas of Big Brother Brazil 1, since the speaker, through the reported speech, changed the discourse of the other as an argumentative strategy, towards a reconceptualizing as true what is narrated and making the interlocutor assume as truth the presented speech. For this, we use the Semantics and Pragmatics theoretical framework.*

Keywords: *Reported speech, Big Brother Brazil; Truth.*

Introdução

Tem se tornado cada vez mais comum programas televisivos que contam com a participação de pessoas reais em cenários e ambientes forjados, nos quais, geralmente, há uma grande quantia de dinheiro sendo disputada.

Nesses ambientes, as interações desenvolvidas pelos participantes não contam com roteiros pré-elaborados nem condutas pré-estabelecidas. Diante disso, interessou-nos analisar os discursos reportados diretos das interações entre os participantes de um reality show brasileiro, o Big Brother Brasil 1, visto que, nesse programa, temos dados reais, de fala-em-interação, que não contam com um roteiro previamente estipulado.

Valemo-nos, para analisar os dados, dos arcabouços teóricos da Semântica, da Pragmática e das análises dos Atos de Fala.

Partindo dessas teorias, neste artigo, delimitar-nos-emos em apresentar as condições de verdade ligadas ao discurso reportado, posto que, por meio da análise dos dados do Big Brother Brasil 1¹, pudemos perceber que o locutor, através do discurso reportado, modifica a fala do outro como uma estratégia argumentativa, reconceptualizando como verdade aquilo que é narrado e fazendo com que o interlocutor ‘assuma’ como verdade o discurso apresentado.

1 Pressupostos Teóricos

A Pragmática e a Semântica, embora tenham como escopo o fenômeno da significação, se diferenciam quanto à análise dos mesmos, se na primeira a língua é vista como instrumento de ação, em que falar é fazer, na segunda, ora a língua é encarada de forma realista, por meio da verificação das condições de verdade no mundo, ora como um mecanismo cognitivo que possibilita depreender os significados.

A grosso modo, as duas teorias convergem na tentativa da busca de uma verdade: a verdade do significado, cada uma por sua maneira, valendo-se de recursos distintos, como pela referenciação das sentenças no mundo, na Semântica Formal, por exemplo, ou pela atribuição de sentido dos enunciados imersos na situação/contexto, na Pragmática.

A Semântica seria definida, a priori, como o estudo da significação. Porém, definir o seu objeto de estudo -o significado- não é uma tarefa fácil, uma vez que o significado pode ser usado para descrever situações de fala diversas como, por exemplo, a sentença “O cachorro está no jardim”² que pode ser um enunciado em forma de ordem, pedido de ajuda, insulto, pergunta, valendo-se esta sentença, então, de diversos significados de acordo com a sua situação de emissão.

¹ Agradecemos, sobremaneira, ao Profº Dr. Luiz Fernando Matos Rocha pela concessão dos dados que foram gravados em vídeo para a produção da tese de doutorado “A construção da mimesis no reality show: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado”. Para esse artigo, transcrevemos esses dados, seguindo o modelo de transcrição proposto por Schegloff, Sacks & Jefferson (1974) (cf. anexo).

² CHIERCHIA, 2003, p.45.

Segundo Chierchia (2003), a Semântica é o ramo da Linguística que trata do significado: “as expressões de nossa linguagem ‘significam’ alguma coisa, e isto é o que nos permite comunicar”³.

Uma outra definição de Semântica seria o de estudo das relações entre formas linguísticas e entidades no mundo, ou seja, é a conexão de palavras às coisas no mundo. Nesse sentido, a análise semântica busca apenas estabelecer relações entre as formas linguísticas e o estado de coisas no mundo como verdadeiras ou falsas, sem considerar o sujeito que produz a descrição.

Na tentativa de entender melhor o componente semântico, o autor apresenta três abordagens; (i) a abordagem representacional ou mentalística; (ii) a abordagem pragmático-social; e (iii) a abordagem denotacional.

Na (i) abordagem representacional ou mentalística, o significado está associado a imagens mentais, ou seja, ele é o modo como representamos mentalmente aquilo que se diz. Em uma segunda versão dessa abordagem, o significado de uma expressão estaria relacionado ao conceito ou ao pensamento que associamos a ela.

Para Chierchia (2003), conceitos são um pouco mais abstratos do que imagens mentais e, por isso, a fórmula (significado= conceito) tem a tendência de não avançar muito. Ele, então, associa esses conceitos a expressões do ‘mentalês’ – que seria a linguagem do pensamento interna à mente – ou seja, interpretar uma sentença consiste em traduzi-la para o mentalês.

Por outro lado, Chierchia (2003) propõe dois argumentos contra tal abordagem: a primeira se refere ao caráter privado das imagens mentais, ou melhor, àquilo que associamos mentalmente de uma expressão de acordo com diversas ocorrências, que varia de falante para falante e de uma situação de uso para outra; o segundo argumento diz respeito à construção do significado a partir de imagens mentais de palavras abstratas (bondade, justiça, etc), de palavras funcionais (por, de, etc) e de sintagmas complexos (ser brasileiro, etc).

Na (ii) abordagem pragmático-social, o significado é entendido como uma atividade prática social, sendo assimilado à maneira como as expressões são usadas. Contrapondo-se a essa abordagem, Chierchia (2003) afirma que o significado é único e é determinado pela gramática,

³ CHIECHIA, 2003, p.21.

uma vez que os usos são muitos e são determinados pela interação que também envolve vários fatores de natureza extra-gramatical.

Na (iii) abordagem denotacional, o significado de uma sentença baseia-se nas condições de verdade em que ela é verdadeira, sendo que estas condições são estabelecidas a partir da referência dos termos que compõem a sentença. Assim, nesta abordagem, seqüências de elementos lexicais podem codificar as situações em que os objetos se encontram.

Chierchia (2003) também se contrapõe a essa abordagem, argumentando que (I) a interpretação de expressões não pode ser diferente mesmo estas expressões tendo a mesma referência; (II) não é claro a referência às palavras abstratas, às palavras funcionais (por, de, etc) e aos nomes de entidades míticas ou fictícias; (III) o conceito de verdade parece irrelevante para sentenças não-declarativas.

Além dessas três abordagens, é relevante citar a perspectiva da semântica cognitiva, cuja hipótese central é que o significado é natural e experiencial, sendo construído a partir de nossas interações físicas, corpóreas com o meio em que vivemos.

De acordo com essa perspectiva, o significado não é arbitrário, mas é derivado de esquemas sensório-motores. Desse modo, “são as nossas ações no mundo que nos permitem apreender esquemas imagéticos espaciais”⁴ que, por sua vez, dão significado às nossas expressões linguísticas. Em suma, o significado é baseado em estruturas conceptuais básicas derivadas das nossas experiências corpóreas, culturais e sociais.

A fim de integrar os três núcleos do significado abordados anteriormente e de propor um melhor entendimento de significado, Chierchia (2003) propõe uma abordagem baseada na lógica ao dizer que a Semântica é o estudo de operações por meio das quais os significados das palavras são combinados e integrados nos significados de expressões mais complexas. Para este autor, sentenças estabelecem relações de sentido umas com as outras, formando nexos semânticos. Neste ponto, tais nexos se tornam tão relevantes para o autor quanto a competência semântica, que é a nossa capacidade de emitir juízos sobre o modo como duas sentenças se relacionam semanticamente. Assim, ele apresenta os principais tipos de nexos semânticos⁵ que se

⁴ OLIVEIRA,2006, p.34

⁵ Para um melhor aprofundamento de cada um dos nexos tratados pelo autor: cf CHIERCHIA,2003, cap.4.

manifestam nos nossos juízos, como a abordagem sobre as conseqüências, as pressuposições e etc.

Ao abordar os nexos semânticos que ligam uma sentença a outra, Chierchia (2003) trata também da ‘verdade’ em Semântica, apontando a relação de sentenças ao estado-de-coisas: “o significado de uma sentença, que se manifesta na forma de nexos entre sentenças tais como c-sinonímia ou pressuposição, se fundamenta, em última análise, na relação entre as sentenças e os estados do mundo”⁶.

A partir disso, pode-se dizer que estados do mundo tornam verdadeira uma sentença através de nexos semânticos que ela contrai com outras sentenças.

Com relação a esta questão da verdade, é importante apresentar aqui o pensamento de sofistas como Platão e Aristóteles, que mostram um horizonte mais amplo, analisando, sob perspectivas diferentes, o fenômeno da verdade e do sentido da linguagem em abordagens como: (i) a pragmática, na qual a linguagem é vivenciada no fluxo das práticas de uma comunidade linguística; (ii) realista, na qual a linguagem identifica parcelas da realidade e (iii) mentalista, na qual a linguagem representa eventos mentais compartilhados entre falantes.

De acordo com os sofistas, a explicação das coisas no mundo acontecia a partir do pensar mítico que se caracteriza:

“entre outras coisas, por recorrer a um discurso não justificado, e, portanto, não sujeito a questionamento; por exigir adesão a lendas e narrativas tradicionais; por apelar recorrentemente ao sobrenatural nas explicações fornecidas”.⁷

Isto é, para os sofistas, a verdade era ‘sentida’ a partir do “fictício, do imaginário, da mentira (acepções então correntes da palavra *mythos*)”⁸.

Nesta perspectiva, a verdade não apresenta uma forma única e fixa, uma vez que as coisas não têm essência própria, elas são aquilo que parecem ser e, por isso, variam de acordo com as

⁶ CHIERCHIA, 2003, p.199

⁷ MARCONDES *apud* MARTINS, 2004, p.446.

⁸ MARTINS, 2004, p.447

circunstâncias. Desta forma, a verdade é o resultado “de nossas opiniões sobre as coisas e do consenso que se forma em torno disso”, sendo, portanto, “múltipla, relativa e mutável”⁹.

Esta visão relativista do pensamento sofista exclui a possibilidade de uma assimilação final e verdadeira da realidade, já que o fato de o homem ser a única medida das coisas o impede de ter sobre as coisas uma medida única.

Como não se tem acesso ao real, a linguagem diz as próprias opiniões dos homens, as quais são construídas por meio de consensos. Assim, “o que uma expressão vem a significar é algo mutável, que se institui no próprio curso das nossas práticas, no entrelugar deixado pela não-fixidez de nossas crenças e pelo potencial persuasivo e mesmo dimiúrgico da linguagem”¹⁰.

Neste sentido, esse ideário sofista de que a verdade é múltipla e imutável e de que esta é estabelecida por meio de consensos que regulam as práticas humanas aproxima tal ideário da perspectiva pragmática, uma vez que a linguagem, na construção de consensos, não desempenha um papel meramente descritivo, mas “constitutivos nos assuntos humanos”¹¹.

Para Platão, a verdade ou a falsidade dos enunciados está atrelada à relação entre linguagem e mundo, ou seja, o sentido de um enunciado é compreendido como uma parcela da realidade, o estado de coisas, que ele, de forma objetiva, descreve. Segundo este filósofo, as palavras não representam coisas aparentes e variáveis, mas as suas essências. Essas essências que as palavras representam são, por sua vez, “entidades extralinguísticas universais, autônomas e transcendentess”¹². Neste sentido, sob o ponto de vista platônico, a linguagem tem o papel de representar a dimensão fixa, e não variável do real e a verdade deve prevalecer sobre o consenso.

Desta forma, Platão apresenta-nos uma visão realista da linguagem e do sentido, uma vez que considera o sentido como algo que é essencialmente exterior e independente do sujeito.

Embora Platão e Aristóteles tenham a mesma perspectiva de recusa à visão pragmática da linguagem proposta pelos sofistas, Aristóteles se diverge de Platão ao compreender a linguagem como subordinada primeiramente à capacidade mental humana – as expressões linguísticas aqui têm a função primeira de representar aquilo que vai no espírito, ou seja, para Aristóteles, “as

⁹ MARCONDES *apud* MARTINS, 2004, p.448

¹⁰ MARTINS, 2004, p.452-453

¹¹ MARTINS, 2004, p. 470.

¹² MARTINS, 2004, p.461.

palavras representam alguma coisa que tem lugar no interior do homem”¹³. Sob este ponto de vista, Aristóteles substitui a relação platônica linguagem-real para a relação linguagem-alma-real, em que a linguagem simboliza, em um primeiro momento, aquilo que vai no espírito para depois ter alguma relação com o mundo.

Esta hipótese de que a linguagem está ligada à capacidade mental e intelectual humana, simbolizando, assim, o pensamento que, por sua vez, simboliza o real, aproxima Aristóteles ao mentalismo ou, mais especificamente, ao mentalismo realista.

O ponto de vista pragmático surgiu no século XX, em que duas grandes disciplinas estudavam o signo e a linguagem: a abordagem Semântica e a Sintática. Entretanto, nenhuma destas disciplinas esgotavam (e esgotam), de forma plena, o problema do sentido e da verdade, neste ínterim, surge a Pragmática, como uma tentativa de análise para explicar estes fenômenos, como fica explicitado a seguir:

Abordagem Semântica	Abordagem Sintática	Abordagem Pragmática
Trata da relação dos signos, palavras e frases com as coisas e com os estados-de-coisas. É, pois, o estudo conjunto do sentido, da verdade e da referência.	Trata das relações dos signos entre si, das palavras na frase ou das frases nas seqüências de frases; tem por objetivo formular regras para expressões.	Trata da relação dos signos com os usuários dos signos, dos enunciados com seus falantes e de seus contextos de uso.

Tabela 1- Abordagens sobre o estudo do sentido e da verdade.

A Pragmática, enquanto disciplina, esteve, desde suas origens, ligada às teorias filosóficas que visavam compreender o significado das sentenças, segundo Armengaud¹⁴: “[Trata-se de um] (...) cruzamento das pesquisas em filosofia e em linguística, atualmente indissociáveis.”

Interessada na busca de soluções para perguntas como: o quê fazemos ao falar?; como somos compreendidos ao fazê-lo?, a Pragmática foi ‘pensada’ de três formas distintas: (i) por lógicos filósofos como Frege, Russell, Carnap, Bar-Hillel e Quine, que, em variados graus, encararam a pragmática sob o viés dos falantes e do contexto, com forte apego, num primeiro

¹³ MARTINS, 2004, p.464.

¹⁴ ARMENGAUD, 2006, p.09.

momento, “à determinação de verdade das sentenças”; (ii) por especialistas como sociólogos, lingüistas, especialistas em retórica como Perelman, Ducrot, Bourdieu, Kerbrat, Watzlawick entre outros, que encararam a pragmática sob o viés dos “efeitos no discurso” e (iii) por teóricos como Wittgenstein e Strawson, que encararam a pragmática sob o viés do significado das frases e palavras atreladas a seu uso, cuja herança é perceptível nos estudos posteriores de Austin e Searle, com suas teorias sobre atos de falas¹⁵.

A Pragmática foi definida e alargada ao longo da sua história, a definição mais antiga é a Morris, que em 1938 revelava ser a pragmática “parte da semiótica”¹⁶ que trata da relação entre os signos e os usuários dos signos”¹⁷, posteriormente, uma definição linguística foi apresentada por Anne-Marie Diller e François Récanati, em que a pragmática foi definida como disciplina que “estuda a utilização da linguagem no discurso e as marcas específicas que, na língua, atestam sua vocação discursiva”¹⁸ e com Francis Jacques, a pragmática recebe uma definição integradora, já que esta pesquisadora a define como aquela que “aborda a linguagem como fenômeno simultaneamente discursivo, comunicativo e social”¹⁹, para ela, tal como vemos em Searle, há regras de usos compartilhadas, Jacques vê a linguagem como um “conjunto intersubjetivo de signos”.

Foi com Wittgenstein, com suas pesquisas apresentadas no livro *Investigações Filosóficas* que a função representativa da linguagem cujas sentenças eram atestadas em relações de verdade/falsidade deram espaço a um novo paradigma, ao da comunicabilidade, cujo cerne central está na noção de uso: “O que dá vida ao signo? É no uso que ele vive. Ele tem em si o sopro da vida? Ou o uso é seu sopro?”²⁰.

Esta mudança de paradigma possibilitou que autores como Austin e, posteriormente, Searle pudessem conduzir suas pesquisas, já que, seguindo a noção de Wittgenstein de que linguagem é ação, eles propuseram que dizer é fazer: apresentada por meio dos atos de fala,

¹⁵ ARMENGAUD, 2006, p.10.

¹⁶ A Semiótica faz uso de signos especiais para formular os fatos acerca dos signos, é uma linguagem concebida para falar sobre os signos, é um sistema dedutivo, com termos e enunciados primitivos não definidos, e que são usados como suporte para a derivação de outros enunciados como teoremas (ARMENGAUD, 2006, p.44-45).

¹⁷ MORRIS apud ARMENGAUD, 2006, p.11.

¹⁸ DILLER & RÉCANATI, apud ARMENGAUD, 2006, p.11.

¹⁹ JACQUES apud ARMENGAUD, 2006, p.11.

²⁰ WITTGENSTEIN apud ARMENGAUD, 2006, p.36.

consoante a doutrina das infelicidades e a distinção entre atos locutórios, ilocutórios e perlocutórios²¹, para o filósofo britânico John L. Austin e apresentada por meio dos atos ilocutórios, do filósofo americano John R. Searle, que levava em consideração o objetivo e a força ilocutórios e as condições de sinceridade.

Gouveia (1996), em seu texto intitulado Pragmática, nos apresenta esta como uma disciplina que

“encara as línguas como instrumentos de ação e de comportamento, também eles regidos por regras, dando simultaneamente conta da relação existente entre as línguas enquanto sistemas formais e sua atualização em situações de uso.”²²

Para além de noções como contexto, falantes-ouvintes, a pragmática leva também em conta uma série de fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Interessa-nos aqui, analisar os dados transcritos de uma programa televisivo Big Brother Brasil 1 sob a perspectiva dos atos ilocutórios searlianos bem como sob a égide dos estudos em Semântica.

A fim de tornar mais clara a consulta, segue um quadro, proposto em Gouveia sobre os atos ilocutórios definidos por Searle.

TIPO	OBJETIVO ILOCUTÓRIO
Ato Ilocutório Assertivo	Relacionar o locutor com a verdade de algo, com a verdade da proposição expressa no enunciado.
Ato Ilocutório Diretivo	Tentar que o alocutário pratique uma ação, verbal ou não-verbal, determinada pelo reconhecimento por este efetuado do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor.
Ato Ilocutório Compromissivo	Comprometer o locutor, relativamente à prática de uma ação futura, determinada pelo conteúdo proposicional do enunciado.
Ato Ilocutório Expressivo	Expressar o estado psicológico especificado na condição de sinceridade acerca de um estado-de-coisas que o

²¹ Para uma descrição mais detalhada, cf. FARIA, 1996.

²² GOUVEIA *apud* FARIA, 1996, p. 384.

	conteúdo proposicional indica.
Ato Illocutório Declarações	Fazer com que o universo em referência coincida com o conteúdo proposicional do enunciado, trazendo um novo estado-de-coisas à existência.
Declarações Assertivas	Trazer um novo estado-de-coisas à existência, por coincidência do universo em referência com o conteúdo proposicional do enunciado, relacionando o locutor com o valor de verdade desse conteúdo.

Tabela 2- Tipologia dos atos illocutórios²³.

Após este breve panorama sobre a abordagem semântica e o tratamento da verdade, é importante ressaltar que, neste trabalho, delimitar-nos-emos em apresentar as condições de verdade ligadas ao discurso reportado, uma vez que perceberemos, na análise de dados do Big Brother Brasil 1, que o locutor, por meio do discurso reportado, modifica a fala do outro como uma estratégia argumentativa, re-conceptualizando como verdade aquilo que é narrado e fazendo com que o interlocutor ‘assuma’ como verdade o discurso apresentado.

Ainda, juntamente com uma abordagem semântica, apresentaremos também uma visão pragmática na análise dos dados, já que a pragmática situacional nos auxilia na construção do sentido de cada seqüência interacional, como mostraremos adiante.

Cabe comentar também sobre um outro aspecto a ser notado na análise destes discursos: o ambiente institucionalizado, dado que trata-se de um jogo televisivo com suas próprias regras, as quais são do conhecimento comum dos participantes e, portanto, se tornam relevantes para nossa análise das produções interativas dos participantes.

2 Análise dos Dados: os discursos reportados diretos – as condições de verdade e a tipologia dos atos de fala

(I)(Fita 12, 17/03/2002, 07:00h) BIG BROTHER BRASIL 1
Estão na sala, Leka, Cléber (dormindo), Vanessa, Sérgio, André e Estela

01 Estela ai e o pior de tudo é que eu não (es)tô com coragem de

²³ GOUVEIA apud FARIA, 1996, p.392.

02 fala(r) (0,2) do sonho ((boceja)) tinha um paredão gigante
 03 assim (0,1) eu não lembro como é que eu (0,5) morria, era uma
 04 coisa marcada assim (0,1) tinha um monte de gente.
 05 André ai que horrível↓
 06 Estela eu não lembro se era câncer [mas era
 07 Leka [sonho de câncer de pulmão
 08 Estela eu não lembro, eu não lembro direito o quê que era (0,1)
 09 tipo, todo mundo sabia que eu ia morrer, só você ((se dirige
 10 à Leka)) que não porque eu não tinha contado
 11 (0,5)
 12 Estela nossa, é muito () (0,3) que mais (0,2) nossa, muito
 13 bizarro gente, o helicóptero foi um tanto quanto engraçado,
 14 confesso. e era lá no condomínio da minha mãe, era tipo um
 15 salão assim
 16 Leka que as pessoas morrem?
 17 Estela as pessoas não↓, eu (0,2) minha mãe sabia que eu ia morrer,
 18 as pessoas sabiam que eu ia morrer, tipo chamaram a minha
 19 mãe pra ir ve(r), ela chegou com uma camiseta branca (boceja)
 20 Leka e onde tinha o câncer nisso?
 21 Estela eu- eu (es)tava doente
 22 Leka sim, mas é:: então você devia (es)ta(r) no hospital não no..
 23 no::
 24 Estela ah isso: eheheh ah leka::: ?((bate palma)) eu não (es)to(u)
 25 doente na vida real e vou pro hospital↓
 26 André senão tu vai se tratar dentro do açougue, né? fica internada
 27 sei lá
 28 Estela ai meu pai do céu, senão eu estou no sofá e (es)to(u) sarada
 29 (0,5)
 30 Estela mas é uma coisa muito ruim por isso, tipo: é:: meio
 → 31 desistência assim (0,1) é ah: eu preciso morrer gente, dá
 32 licença
 33 (0,8)
 34 Estela outra coisa, ah: lembrei, aí tinha umas pessoas que
 35 trabalharam comigo na Radar, a marcinha, o chile (es)tava no
 36 sonho (0,3) aí eu e a márcia, ah::ai juntaram todas inclusive
 37 todas as mulheres do sonho tinham o cabelo igual da vanessa,
 38 nossa gente é um sonho muito confuso

Como ação primeira, a participante Estela, inicia seu turno com uma espécie de prefácio da narrativa, dado que, ao pronunciar: “ai e o pior de tudo é que eu não (es)tô com coragem de fala(r) (0,2) do sonho” (linhas 01-02), solicita, implicitamente, uma autorização ou um sinalizador de continuação (*go ahead*), que não é preenchido imediatamente no turno seguinte, no qual Estela, efetivamente, inicia sua narração, mas é marcado pela inserção do comentário de incentivo, ou seja, um continuador que é proferido por André na linha 05: “ai que horrível↓”.

Após esta primeira etapa, Estela começa a narrar o sonho que teve na noite anterior: “tinha um paredão gigante assim (0,1) eu não lembro como é que eu (0,5)

morria, era uma coisa marcada assim (0,1) tinha um monte de gente.” (linhas 02-04) e desenvolve um discurso narrativo que se segue até a linha 38 (“nossa gente é um sonho muito confuso”).

O desenvolvimento da sua narrativa se dá sem muitas interrupções, exceto, por breves comentários, como o da participante Leka: “e onde tinha o câncer nisso?” (linha 20) e o do participante André: “senão tu vai se tratar dentro do açougue, né? fica internada sei lá” (linhas 26,27).

Nesta seqüência, há ainda a ocorrência de um discurso reportado direto (linha 31) e diferentemente do que geralmente ocorre nestes discursos, aqui, não há a presença do verbo *dicendi*, já que, ao narrar um sonho que havia tido na noite anterior, a participante Estela reporta uma fala sua pronunciada no sonho: “mas é uma coisa muito ruim por isso, tipo: é:: meio desistência assim (0,1) é ah: eu preciso morrer gente, dá licença” (linhas:30-32).

Ao reportar esta fala, em específico, a participante, que antes vinha narrando seu sonho, presencia suas reações por meio do discurso direto, trazendo o interlocutor para o plano onírico, redimensionando o plano real, que é o da narrativa, fazendo com que ele ‘participe’ de forma mais direta do episódio vivido, construindo assim, um novo espaço mental, já que ao reportar, a narradora ‘constrói’ no plano real, o plano dos sonhos.

Um outro ponto a ser comentado aqui é que o discurso reportado foi usado como mecanismo de argumentação, para ratificar que o quê está sendo narrado efetivamente foi vivido (sonhado).

Como se trata de um universo onírico, a condição de verdade aqui, seguindo os parâmetros de condição de verdade no mundo não seriam atestáveis, dado que ao narrar o que sonhou, somente Estela detém a verdade sobre os fatos sonhados, cabendo aos demais interlocutores (i) a tentativa de encaixamento verossímil, como fez Leka, no seguinte fragmento: “sim, mas é:: então você devia (es)ta(r) no hospital não no.. no::” (linhas: 22-23) e (ii) a aceitação dos fatos narrados como verdade, determinados e controlados pelo narrador, no caso, Estela.

Consoante a proposta dos Atos de Fala, apresentados por Austin e Searle (apud GOUVEIA, 1996) podemos nomear as ações do discurso reportado sob duas perspectivas, numa macro e numa micro análise: (I) a da intenção, mais global, do discurso reportado direto, que poderia ser considerada como um ato de fala assertivo, dado que, em conformidade com Teoria dos Atos de Fala (doravante TAF) e seguindo a definição searliana de que os atos ilocutórios assertivos são aqueles que “relacionam o locutor com a verdade de algo (...)”²⁴, temos sempre, nestes discursos reportados - que não são nem a fala, nem a situação nas quais, de fato, o que está sendo relatado, ocorreu - uma tentativa e desejo de convencimento e de credibilidade de que o quê está sendo falado, realmente, foi o que foi vivido, experienciado e que, a posteriori está sendo trazido a um novo ambiente interativo e (II) a da intenção micro do que está sendo falado, ou seja, a intenção da fala em si mesma, como veremos mais claramente abaixo, com as falas de Estela.

Assim, de acordo com a proposta da TAF, uma possível classificação para este discurso reportado direto: “é ah: eu preciso morrer gente, dá licença” (linhas 31,32), numa micro análise ((II)), é a de ato ilocutório expressivo, dado que neste, a narradora, Estela, evidencia um desejo seu, entretanto, não realiza com este uma ação, mas sim, expressa uma necessidade, o que é ratificado pela definição searliana, já que este apresenta que o ato de fala expressivo é aquele que exprime “o estado psicológico especificado na condição de sinceridade (...)”²⁵.

E, como também expusemos, numa macro análise ((I)), este discurso reportado direto poderia ser considerado como um ato de fala assertivo, dado que deseja comprometer o locutor com a verdade, que aqui, é narrativa e discursivamente construída no jogo interacional.

(II)(Fita 12, 17/03/2002) BIG BROTHER BRASIL 1

Leka comenta com Vanessa, André e Sérgio o que aconteceu quando ela votou pela última vez.

- 01 Leka o big god hoje não (es)tá querendo conversa não, não (es)tá
02 querendo conversa depois da história do-
03 Vanessa como assim?
04 André ele falou alguma coisa assim.
05 (0.2)
06 Leka não! ele só falou comigo seja breve.

²⁴ GOUVEIA, 1996, p.392.

²⁵ GOUVEIA, 1996, p.392.

- 07 (0.5)
08 Estela é claro, ele ouviu você falar várias vezes que você ia
09 ficar meia hora lá falando.
10 (1.2)
11 Leka o vá ((se direciona à Vanessa)) você perguntou lá no
12 confessionário o negócio de dois toques.
13 Vanessa não eu não perguntei, num tem jeito, num tem jeito.
14 (0.8)
15 Leka eu vou com um tênis porque ontem na hora que a gente tava
16 jogando eu pisei num:: [n e g o c i-]
17 André [eu também] pisei numa coisa que
18 me machu[cou]
19 Leka [é] eu vou jogar de tênis.
20 André eu vou jogar com a minha sandalhinha, minha sandalhinha
21 atlética. quer dizer que () (faltou) comida leka?
→ 23 Leka ah eu cheguei lá e falei posso sentar e ficou com aquele
24 silêncio absoluto eu falei posso, eu falei posso votar? aí
→ 25 ele pegou virou pra mim e falou assim. não, porque você-
26 ele falou não. aí eu fiquei com aquela cara assim não? como
→ 27 assim? tipo assim, o meu voto não vale n(eh)a(eh)d(eh)a aí
→ 28 ele virou e falou assim não porque você está sem microfone,
→ 29 eu falei uff- (raspa a garganta) gente (es)tá muito frio
30 hoje ou eu estou-
31 Sérgio e se eu for votar, posso votar?
32 Leka Eheh
33 Sérgio e cara esse daqui tá esquisito.

Nesta seqüência narrativa, há a inserção de vários tópicos conversacionais que vão se seguindo: (i) a narrativa do confessionário: “o big god hoje não (es)tá querendo conversa não, não (es)tá querendo conversa depois da história do-” (linhas 01,02); (ii) o calçado a ser usado na realização de uma prova (aquisição de comida): “eu vou com um tênis porque ontem na hora que a gente tava jogando eu pisei num:: [n e g o c i-]” (linhas 15,16); (iii) retorno ao tópico inicial: “ah eu cheguei lá e falei posso sentar e ficou com aquele silêncio absoluto eu falei posso, eu falei posso votar? aí ele pegou virou pra mim e falou assim. não, porque você- ele falou não. aí eu fiquei com aquela cara assim não? como assim? tipo assim, o meu voto não vale n(eh)a(eh)d(eh)a aí ele virou e falou assim não porque você está sem microfone, eu falei uff- (raspa a garganta)” (linhas 23-29); (iv) temperatura climática: “gente (es)tá muito frio hoje ou eu estou-” (linhas 29,30) e (v) retomada de Sérgio ao tópico inicial: “e se eu for votar, posso votar?” (linha 31).

Estes tópicos são construídos, interativamente, entretanto, ao analisarmos as mudanças tópicas, notamos que é Leka quem detém o piso conversacional, já que pode, com uma maior liberdade, mudar o tópico, como evidenciado acima em (i); (ii); (iii) e (iv).

A participante Leka inicia seu relato sobre sua experiência no confessionário, fazendo com que os outros participantes saibam como se deu sua interação com o Big God: “o big god hoje não (es)tá querendo conversa não, não (es)tá querendo conversa depois da história do- ” (linhas 01 e 02). Após, outros participantes se inserem na interação, ora sinalizando encorajamento, como na fala de Vanessa na linha 03: “como assim?” ora ironizando, como na fala de Estela: “é claro, ele ouviu você falar várias vezes que você ia ficar meia hora lá falando.” (linhas 08 e 09).

Posteriormente a essa fala de “deboche”, proferida por Estela, há a ocorrência de uma pausa (1.2), que pode sinalizar para uma reflexão de Leka quanto à retomada do tópico inicial ou não, explicitado em: “o vã ((se direciona à Vanessa)) você perguntou lá no confessionário o negócio de dois toques.” (linhas 11,12). Situação semelhante pode ser verificada na linha 13, em que há uma pausa e a participante Leka, quem deveria tomar o piso conversacional, opta pela mudança do tópico que vinha sendo construído: “eu vou com um tênis porque ontem na hora que a gente tava jogando eu pisei num:: [n e g o c i-]” (linhas 14 e 15).

Das linhas 23-30, temos uma seqüência de discursos reportados diretos, em que há a mudança de pessoa discursivamente reportada, ora é Leka, quem narra os discursos, ora é Big God.

A fim de tornar mais clara nossa análise, apresentaremos, separadamente, os discursos reportados, embora ocorram dentro de um mesmo turno.

Temos a presença de cinco discursos reportados diretos: (i) ah eu cheguei lá e falei posso sentar e ficou com aquele silêncio absoluto eu falei posso↓ eu falei posso votar? (linhas 23-24). Aqui, temos a presença do verbo dicendi falar (falei), em que a narradora, Leka, reporta suas próprias falas da situação vivida minutos antes no confessionário, onde conversou com o Big God sobre uma votação.

Como estão em um jogo e é uma prática comum entre os participantes as votações no confessionário e que têm como interlocutor o Big God, representado virtualmente por uma

câmera, o discurso reportado por Leka, diferentemente do que foi demonstrado no exemplo mostrado anteriormente, o sonho de Estela, pode ter seu valor de verdade atestado pela situação, ou seja, pela pragmática situacional, já que todos os participantes compartilham das mesmas regras e das mesmas normas de conduta.

Um ponto concordante que apresentamos reside na questão de que, por ser um discurso reportado, há um re-enquadramento, já que, ao reportar uma fala situada no confessionário para o ambiente da cozinha, onde os outros participantes estavam e onde ocorreu a interação, Leka traz para este novo ambiente as falas e sensações ocorridas anteriormente, re-conceitualizando a verdade, já que nenhum de seus interlocutores poderá, de fato, ao menos no momento da interação (pois como programa gravado, pode ser visto a posteriori) saber se o quê Leka reportou como sendo a fala do Big God, ou mesmo a sua própria, são, efetivamente, verdadeiras.

Com relação à TAF, podemos classificar, numa micro análise, este discurso enunciativo como um ato ilocutório diretivo, segundo a definição searliana de que os atos ilocutórios diretivos são aqueles em que o locutário tenta fazer com que o alocutário “pratique uma ação determinada pelo reconhecimento do conteúdo proposicional”²⁶, uma vez que ao pronunciar “falei posso sentar” e “eu falei posso votar?”, Leka tem a intenção de fazer com que o seu interlocutor, neste caso, Bial não só reconheça a sua ação expressa neste enunciado (pedido), mas também execute tal ação, permitindo a Leka que se sente para votar.

Em (ii) aí ele pegou virou pra mim e falou assim. não, porque você- ele falou não. (linhas 24-26) temos um discurso reportado direto introduzido pelo verbo dicendi falar (falou), com o tempo verbal prototípico das narrativas (pretérito perfeito), em que a narradora faz uma auto-correção no discurso reportado: “porque você- ele falou não.”, colocando em evidência o dado que pensa ser mais relevante naquele momento, ou seja, o fato de o Big God não ter concedido a votação a ela.

Neste momento, temos apenas um revozeamento do Big God, entidade não presente no universo da cozinha, em que Leka funciona como animadora, segundo a categorização goffiana (GOFFMAN *apud* RIBEIRO & GARCEZ, 1998), já que ela funciona como porta-voz, como “um

²⁶ GOUVEIA, 1996, p.392.

corpo envolvido numa atividade acústica (...)”, entretanto, ela não é responsável pelo conteúdo proposicional do que é dito, atuando simplesmente como animadora da fala de outrem.

Assim como no exemplo acima, se torna difícil atestar as condições de verdade no mundo, já que somente ela, e não os outros interagentes presentes na cozinha, sabe o que de fato ocorreu no confessionário, contudo, cabe comentar que ao reportar o fato ocorrido, os outros participantes tendem a acreditar nos fatos relatados como verdadeiros.

Neste discurso reportado, temos a presença do ato de fala ilocutório assertivo, uma vez que Leka relaciona os outros participantes com o valor de verdade do que ela diz e espera que seja entendido como verdade.

Um ponto interessante aqui reside na presença da estrutura coloquial muito recorrente: *aí ele pegou virou pra mim* (linha 25 (grifos nossos)), em que temos uma polissemia do verbo pegar, que, agregado ao virar, também polissêmico aqui, via um processo metafórico-metonímico (um elemento da base é utilizado na meta) forma uma estrutura perifrástica cuja presença é mais fortemente verificada nos ambientes de fala cotidiana, quando se narra algo.

Quanto à semântica dos verbos, percebemos que no verbo pegar o que foi para a meta é a característica mais prototípica, que é a de agarrar algo, só que aqui, o que se agarra não está no plano tátil, real, mas sim num plano mais abstrato, em que o outro participante (Big God) ‘pega’ um momento para se pronunciar; no verbo virar, o que temos também como característica persistente é o fato de mudar de movimento, aqui, no caso, de iniciar um novo turno, isto é, de passar da posição de ouvinte a falante.

Cabe comentar também da presença do dêitico “*aí*” (linha 25), que também é metaforizado, já que, para além de sua função dêitica, isto é, mostrativa, ele aqui sequencializa o discurso que está sendo desenvolvido. O que vale comentar é que estas estruturas, juntas, se prestam à marcação temporal-sequencial dentro de um discurso narrativo, que é marcada não só pelos verbos, mas também, por outras estruturas e categorias, como os advérbios, por exemplo, e que aqui, é marcado por toda a estrutura: *aí ele pegou virou* (linha 25).

Em (iii) como *assim? tipo assim, o meu voto não vale n(eh)a(eh)d(eh)a* (linhas 26 e 27) não temos a presença do verbo dicendi, entretanto, fica explícito que temos aqui um discurso reportado direto, já que Leka reporta suas falas enunciadas num momento

imediatamente anterior em que estava no confessionário, no qual ela questiona sobre o porquê de não poder votar.

As condições de verdade, bem como o ato de fala aqui presente, são similares aos do discurso (ii) apresentado, já que não podemos atestar, no mundo, a verdade empírica dos fatos por ela reportados e já que, também aqui, ela intenta relacionar o locutor com a verdade do que reportou.

O próximo discurso a ser apresentado, ainda presente na fala de Leka, tem como sujeito Big God: (iv) *aí ele virou e falou assim não porque você está sem microfone*, (linhas 27 e 28). Um dado interessante reside na utilização dos verbos *virou* e *falou*, em que *virar*, como no exemplo acima, é polissêmico, neste contexto, não temos uma perífrase, mas sim, duas orações coordenadas que se prestam a marcar a seqüencialidade dos fatos ocorridos: Big God primeiro *virou*, ou seja, houve a mudança do que estava sendo feito: ouvir, como interlocutor de Leka, ao *virar*, ele passa de ouvinte a falante, o que é ratificado pela presença do verbo *dicendi* *falou*.

Se no exemplo (ii) temos a seguinte estrutura: *“aí ele pegou virou”* (linha 25), que semanticamente indica a seqüencialidade de pegar para depois *virar*, o que aponta para duas ações interacionalmente relevantes, como já expusemos acima (cf. análise (ii)) - nas quais a narradora orienta os seus interlocutores para as ações desenvolvidas na situação relatada, marcando a temporalidade-seqüencialidade e a mudança de interlocutor, ou seja, a troca de turnos entre os participantes ratificados no plano do discurso que está sendo reportado- já em (iv) *“ele virou e falou”* (linha 28), das relações semanticamente polissêmicas, temos somente a de *virar* (cf. análise (iv) acima) seguido do verbo *dicendi*.

A ratificação de que temos aqui, um discurso reportado direto pode ser observada pela presença do pronome de 2ª pessoa discursiva *“você”* (linha 28) (3ª pessoa gramatical), que aponta para a relação dêitica entre os participantes: falante-ouvinte, neste contexto: Leka e Big God.

Em (iv) percebemos que há um ato de fala ilocutório assertivo, dado que como apresentamos acima (cf. exemplos (ii) e (iii)) Leka quer que o conteúdo de seu enunciado reportado, que narra como verdade, seja aceito por seus ouvintes como tal.

Em (v) “eu falei uff- (raspa a garganta)” (linha 29), temos também a presença do verbo dicendi falar (falei), no qual Leka reporta seu próprio discurso, apresentando como inovação uma interjeição que expressa alívio (uff), o que pode ser explicado pela situação pragmática, que é do conhecimento de todos os participantes de não poder votar por haver infringido alguma regra do jogo previamente estipulada.

Neste sentido, como observado nos exemplos (i), (ii), (iv) e (v) em que se têm a presença do verbo dicendi falar, é válido mencionar que verbos como falar e dizer são considerados por Marcuschi (1991) como verbos neutros, uma vez que não têm nenhuma função específica por serem esvaziados semanticamente.

Observando que somente podemos analisar sobre a TAF sob o viés do participante que produz o seu discurso reportado, levamos em consideração, então, seu desejo enquanto discurso relatado e não enquanto ações que foram produzidas no interior do que é relatado, um exemplo disso tivemos nestes exemplos ((i), (ii), (iii), (iv) e (v)), em que, independente do que Big God ou Leka intentaram desenvolver em suas ações. No seguinte exemplo: “aí ele virou e falou assim não porque você está sem microfone”, se fôssemos analisar sob o viés de uma micro análise (II) veríamos como um ato de fala ilocutório diretivo, em que Big God teve a intenção de comprometer Leka com a realização da ação de usar o microfone para votar, entretanto, numa macro-análise (I), teríamos um ato de fala assertivo, como já explicitado acima.

Conclusão

Após termos analisado os discursos reportados diretos extraídos de gravações do programa televisivo Big Brother Brasil 1, pudemos notar que as informações necessárias para o entendimento das interações por seus interagentes é facilitada pela comunhão de conhecimentos sobre o programa, já que todos eram participantes do jogo e concorrentes ao prêmio de 500 mil reais.

Assim, pudemos perceber que a pragmática situacional sana alguns dos possíveis desentendimentos de omissões, como a extensa utilização de pronomes pessoais, como ele, bem como sana dúvidas quanto à identidade dos próprios interagentes, também o telespectador e aqui,

no caso, o leitor das transcrições, não têm dúvidas quanto alguns fatos, pois o ambiente do jogo (BBB) é esclarecedor para aqueles que, mesmo minimamente, conhecem sobre seu funcionamento (votações, paredões, rivalidade, etc).

Os discursos reportados foram utilizados, nas transcrições analisadas, com o intuito de narrar um fato (o que ocorreu no confessionário na transcrição II) ou de um sonho (transcrição I), desta forma, a função primeira aqui é a de trazer um novo universo de ações à tona, como quando Estela narra seu sonho.

Consoante a proposta cognitiva de que, ao reportar, o locutor reconceptualiza como verdade o que é narrado e também, sob o viés da TAF, podemos pensar em duas análises possíveis: uma macro e uma micro – numa micro, iríamos encontrar atos de fala que expressariam o desejo contido no interior do discurso em questão e numa análise macro somente iríamos encontrar atos de fala ilocutórios assertivos, dado que o narrador sempre tentará fazer com que o locutor se relacione com a verdade daquilo que está reportando e que, também o locutor, está predisposto a encarar como verdade os fatos narrados e originados num outro contexto interativo e que são, a posteriori, a ele reportados.

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, Françoise. Trad. Marcos Marcionilo. **A Pragmática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

FARIA et alii. **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

GOFFMAN, E. A. Footing. In.: RIBEIRO & GARCEZ (Ed). **Sociolinguística Interacional**, Porto Alegre: AGER, 1998.

GOUVEIA, I.F. **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

MARCUSCHI, L.A . A ação dos verbos introdutórios de opinião. INTERCOM – **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, ano XIV, n. 64, Janeiro/Julho de 1991.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Trad. Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp; Londrina, PR: Eduel, 2003, cap.1, 2 e 4.

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In.: MUSSALIM, A. C. & BENTES, F. **Introdução à Linguística 3: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004, cap.12.

OLIVEIRA, R.P. Semântica. In.: MUSSALIM, A. C. & BENTES, F. **Introdução à Linguística 2: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006, cap.1.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. & JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. trad. Coord. Maria Clara Castellões de Oliveira. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas**, Juiz de Fora, v.7, n. 2, p.9-73, jan/dez. 2003.

SAEED, J.I. **Semantics**. Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2003, cap.3, 4, 5, 6, 10 e 11.

Anexo:

Convenções de Transcrição

Os símbolos usados foram desenvolvidos por Jefferson e encontram-se em Sacks, Schegloff & Jefferson (1974).

[colchetes]	fala sobreposta
(0.5)	pausa em décimos de segundo
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
=	contigüidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
?,	subida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto de interrogação.
:	alongamento de som.
-	auto – interrupção.
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume.
MAIUSCULA	ênfase acentuada.
°	fala mais baixa imediatamente após o sinal.
° palavras°	trecho falado mais baixo.
Palavra:	descida entoacional inflexionada.
Palavra:	subida entoacional inflexionada.
↑	Subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados.
↓	descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
hhh	aspirações audíveis.
(h)	aspirações durante a fala.

.hhh	inspiração audível.
(())	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição impossível.
th	estalar de língua.